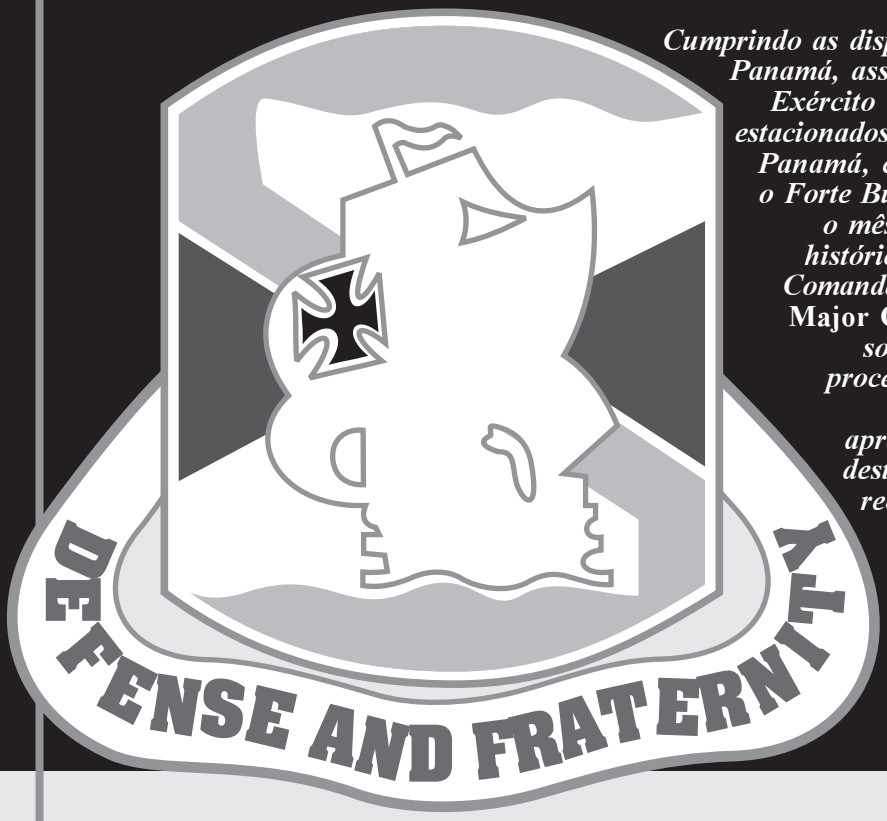
O Exército Sul dos EUA

USARSO

A Visão do Comandante



Cumprindo as disposições do Tratado do Canal do Panamá, assinado em 1977, os elementos do Exército dos Estados Unidos previamente estacionados no Forte Clayton, República do Panamá, completaram sua mudança para o Forte Buchanan, em Porto Rico, durante o mês de agosto de 1999. Esse evento histórico realizou-se sob a liderança do Comandante do Exército Sul dos EUA, o* Major General *Phillip R. Kensinger Jr., sob cuja supervisão esse complexo processo foi levado a cabo com plena eficiência. Temos o privilégio de apresentar uma entrevista com esse destacado oficial, na qual ele esclarece quais serão as mudanças que esse recente evento trará para o Exército Sul, com relação à sua composição, seus recursos orçamentários, e sua capacidade para continuar dando o apoio adequado às nações da região.

General, em sua condição de primeiro comandante do Exército Sul dos Estados Unidos (United States Army South – USARSO), desde que o referido comando foi transferido do Panamá, quais são as mudanças que o senhor percebe na missão do Comando e em sua própria visão sobre o mesmo? O senhor prevê alguma dificuldade em solucionar, desde Porto Rico, qualquer problema que possa surgir dentro da zona sob sua responsabilidade?

Antes de mais nada, quero afirmar que me sinto muito orgulhoso em poder instalar o comando do *USARSO* e sua bandeira em Porto Rico. Orgulhoso, porém um pouco triste. Essa tristeza é devida ao reconhecimento de que o elemento inerente que causou o estabelecimento do nosso quartel general em Porto Rico foi a nossa saída do Panamá. De fato, foi acatando às disposições do Tratado do Canal que tivemos que efetuar a mudança. A presença do Exército norte-americano no Panamá teve um impacto profundo e duradouro. Ajudamos a construir e a defender o Canal — apesar do fracasso de outros — frente a múltiplas adversidades. Logo estendemos a mão da irmandade a nossos vizinhos num esforço comum em favor da paz e da estabilidade em todo o hemisfério, conseguindo um sucesso inigualável em qualquer outra parte do mundo. As iniciativas empreendidas por nossos orgulhosos soldados servem para relatar sua história com mais eloqüência que qualquer historiador ou comandante jamais poderia almejar.

Com respeito à nossa missão e à nossa visão de comando, não temos presenciado nenhuma mudança radical; de fato, posso dizer que a transição foi feita sem problemas. O comando do *USARSO* no Forte Clayton, Panamá, foi encerrado no dia 30 de julho, inaugurando-se posteriormente no dia 13 de agosto no Forte Buchanan, Porto Rico, e uma semana depois já estávamos em condições de conduzir um seminário sobre Operações de

Manutenção da Paz, auspiciado pela Força de Defesa da Jamaica, no qual participaram as Forças Armadas de mais de uma dúzia de países do Caribe e da América Central, além de várias organizações governamentais e não governamentais.

Quando afirmo que a mudança foi feita "sem problemas", não quero dizer que tenha sido fácil. Depois de receber a aprovação do então Secretário do Exército, Togo West, no verão de 1997, todo o processo foi postergado para que o Congresso reconsiderasse tanto a seleção de Porto Rico como a nova sede do Comando, como uma diversidade de questões relativas a recursos financeiros. Somente depois de quase um ano finalmente nos deram a aprovação e, apesar do planejamento e coordenação que tiveram lugar nesse intervalo, já havíamos perdido efetivamente um tempo precioso. Porém, nossa retirada do Panamá tinha que estar completa numa data fixa e imutável. Cabe mencionar que, quando finalmente pudemos dedicar-nos à mudança, no outono de 1998, enfrentamos o furacão *George* que arrasou o Caribe, seguido por outro, o *Mitch*, que devastou a América Central. Tanto os soldados como os civis do Comando têm desempenhado suas tarefas de maneira absolutamente heróica e, apesar de que nos encontramos atualmente com cerca de seis meses de atraso na construção de edifícios e da infra-estrutura adequada, estamos realizando operações em Porto Rico desde o verão passado. Quero também afirmar em relação a tudo isso que o Departamento do Exército apoiou totalmente os nossos esforços. Lembro-me muito bem que o antigo Chefe do Estado-Maior do Exército, general Reimer, informou ao seu estado-maior que apenas um Comando Principal — o *USARSO* — iria mudar-se em 1999, e que ele queria assegurar que o referido Comando recebesse a mais alta prioridade na realização dessa mudança.

Uma das poucas modificações que veremos na missão é a retirada da incumbência de implementar o Tratado do Canal do Panamá, já que isso cumpre-se de forma definitiva ao meio dia de 31 de dezembro de 1999. Essa missão tem sido exigente e grande consumidora de recursos; no entanto, permitam-me dizer que foi um sucesso total. Há mais de 20 anos, os Estados Unidos e o Panamá chegaram a um acordo e assinaram um tratado. O *USARSO* tem-se empenhado nos esforços de implementar sua parte no referido acordo. Até o dia 31 de dezembro teremos entregue quase 3.000 edifícios e a infra-estrutura de apoio que isso implica, num valor de mais de um bilhão de dólares, além de 140.000 hectares de terra, sempre acatando os prazos previstos no acordo. Além disso, temos sido bons guardiões da terra que ocupamos. Nossas instalações militares são realmente modelos exemplares da cuidadosa preservação do meio ambiente. Nelas crescem centenas de espécies de plantas e animais, muitas das quais protegidas; mais numerosas do que as que podem ser encontradas em qualquer outro lugar ao longo do litoral do Pacífico, na América Central ou no México. E tudo isso fizemos com a estreita colaboração de nossos companheiros panamenhos, que participaram em todas as fases de desenvolvimento do projeto. Nada parecido tem ocorrido — ou seja, uma tarefa tão pacífica, cooperativa e frutífera — em parte alguma do mundo.

Com relação à nossa capacidade de cumprir a missão desde nossa base em Porto Rico, apenas gostaria de reiterar algumas palavras de meu chefe, o general Charles E. Wilhelm, Comandante-em-Chefe do Comando Sul dos Estados Unidos, no sentido de que somente quem não se encontra dentro da zona de responsabilidade não está comprometido com a missão. Para nós o compromisso constitui o motivo de nossa existência. Desta forma acredito que nossa instalação em Porto Rico nos oferece, em muitos sentidos, o melhor de dois mundos: estamos em território americano, ao mesmo tempo que nos encontramos em nossa zona de responsabilidade, ou seja, o Caribe e a América Latina.

Produto da mudança do Comando do Panamá para Porto Rico, o* USARSO *se submeteu a uma redução em pessoal e meios. A seu critério, como poderá o Comando manter seu ritmo operacional para poder conduzir a série de exercícios* New Horizons*, os exercícios e seminários de manutenção da paz e outros exercícios e atividades que implicam no desdobramento de pessoal?

Assim como em outros setores do Exército, este Comando está sujeito a reduções. No entanto, posso informar-lhe com toda a certeza que não se vislumbra nenhuma redução na importância dos exercícios ou das atividades operacionais em nossa zona de responsabilidade, num futuro previsível. Permita-me acrescentar que o fato de ter cessado nossa responsabilidade pela implementação do Tratado e a conseqüente mudança do Comando efetivamente provocou algumas reduções, entretanto, é bem provável que muitas delas teriam ocorrido de qualquer maneira. Este é um Comando que, guardadas as devidas proporções, apóia-se no Componente da Reserva mais do que qualquer outro Comando Principal. No ano passado mais de 30.000 integrantes do Componente da Reserva se desdobraram em nossa zona de responsabilidade para participarem em diversas missões nossas, a maioria nos exercícios *New Horizons* que o senhor mencionou, e também em outras atividades, incluindo as operações de manutenção da paz e humanitárias, além das missões médicas e programas de intercâmbio. Atualmente, essa cifra de 30.000 está acima do normal, devido ao furacão *Mitch*, mas mesmo em momentos menos exigentes já chegamos a desdobrar aproximadamente 20.000 integrantes do Componente da Reserva. Digo tudo isto para explicar-lhe que a redução

de efetivos, na ordem de centenas ou milhares de pessoas, na forma de, por exemplo, um batalhão de infantaria ou uma companhia de engenharia, sem dúvida constitui algum impedimento, pois às vezes me impõe certas limitações; contudo, não tem impacto debilitante em nossa capacidade para conduzir exercícios, pois contamos com o apoio dos integrantes da Reserva, como os 30.000 do ano passado, por exemplo.

Com respeito ao esforço referente ao auxílio que ainda vem sendo desenvolvido na América Central, qual tem sido o apoio oferecido pelo* USARSO *aos países afetados? Estes esforços são de longo prazo? E qual será o impacto sobre a estratégia de comprometimento do Comando?

Estou muito orgulhoso da nossa participação no esforço total de auxílio realizado pelos Estados Unidos e especialmente pelo Comando Sul. Por intermédio de nossa estreita colaboração com a Força-Tarefa Conjunta *Bravo*, na base aérea de Soto Cano, em Honduras, e o Comando de Operações Especiais do Comando Sul, além do aporte dos milhares de soldados do Componente da Reserva, pudemos causar o primeiro impacto e o mais forte na região, pois salvamos milhares de vidas, incluindo a do presidente hondurenho, que se encontrava retido pelas crescentes águas da inundação.

Sua pergunta relativa à duração de nossos esforços foi profética, devido especialmente ao fato de que faz aproximadamente um ano que o furacão *Mitch* arrasou a região, sendo o pior desastre natural sofrido nessa zona nos últimos cem anos. O Comando Sul implantou um plano de auxilio com base em três fases: a primeira, com a finalidade de salvar vidas e infra-estrutura; a segunda, para restabelecer as capacidades das nações afetadas, a fim de se tornarem auto suficientes; e, finalmente, a restauração da área e os esforços tendentes a ajudá-la a enfrentar um possível desastre natural no futuro. Tendo completado as construções realizadas como parte do programa *New Horizons* do ano fiscal de 1999, e após a execução de diversos exercícios médicos na região, muitos dos quais foram planejados e executados fora dos parâmetros normais do programa e quase na forma de operações de contingência como reação ao furacão *Mitch*, temos entrado em cheio na fase final das atividades de auxílio. Isto implicará na continuação dos exercícios, já menos numerosos, para completar construções e projetos médicos específicos, além de exercícios de postos de comando mais amplos, com o objetivo de melhorar o planejamento a nível operacional e reagir adequadamente em casos de desastre natural.

Na realidade, apesar de que o furacão *Mitch* sem dúvida nos apresentou uma contingência regional de maior urgência, isso não nos desviou de nosso propósito normal relativo à zona de responsabilidade, porque este propósito é de longo prazo e está baseado em nosso compromisso permanente para com a área, com períodos intermitentes de atividades mais intensas na forma de exercícios e operações multinacionais.

A mudança do* USARSO *também causou o fechamento do Centro de Adestramento para Operações na Selva. Está previsto o restabelecimento desse Centro em alguma outra parte da zona de responsabilidade do Comando, ou será possível que se integre às atividades de adestramento já existentes na Escola das Américas?

O Centro de Adestramento para Operações na Selva formava uma importante parte do *USARSO,* havendo estabelecido uma incrível tradição de treinamento rigoroso para pequenas unidades, cujo valor pode ser confirmado pelos milhares de soldados norte-americanos que receberam treinamento nesse Centro. Além disso, também nos proporcionou uma ferramenta excelente para o nosso desempenho regional, especialmente em nosso programa de intercâmbio de pelotões. Através dos rigores desse Centro, unidades militares provenientes de todas partes de nossa área de responsabilidade puderam experimentar pessoalmente nosso modo de alcançar a excelência através do adestramento orientado para o desempenho.

Mesmo já não contando com um Centro de Adestramento para Operações na Selva, temos de alguma forma mantido uma equipe de quatro homens em nossa Seção de Operações, cuja função é facilitar o treinamento na selva às unidades do Exército do EUA. Por exemplo, temos analisado as escolas atualmente empregadas pelas Forças Armadas de Belize, do Equador e da Venezuela e creio que será possível realizar o adestramento de tropas estadunidenses nessas instalações. Porém, entendo que a 25ª Divisão de Infantaria, com base no Havaí, mantém a responsabilidade doutrinária do adestramento de selva no Exército dos Estados Unidos.

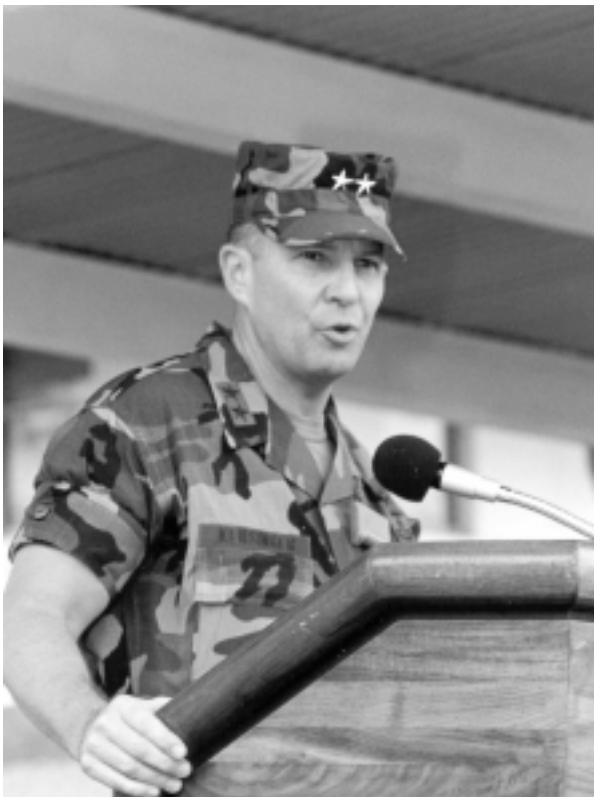
As Forças Armadas dos países latino-americanos têm desempenhado um papel muito ativo no apoio às operações de manutenção da paz. O* USARSO *ajudará na preparação desses países para participarem de operações dessa natureza?

Desde uma perspectiva específica, não. De forma indireta, a resposta é sim. Mediante nossos exercícios de operações de manutenção da paz, dos intercâmbios de peritos em diversos assuntos, do programa de visitantes ilustres e de uma variedade de visitas e consultas, temos conseguido criar dentro de nossa zona de responsabilidade um ambiente operacional propício para as operações de paz. Essas mesmas ferramentas também constituem uma base de treinamento capaz de servir como ponto de partida para o desenvolvimento de capacidades mais práticas, se assim o desejarem as nações parti-

cipantes. A maior parte dos exércitos participantes desenvolvem seus próprios treinamentos para as operações de manutenção da paz. Alguns, assim como é o caso da Argentina, produzem planos a nível operacional para as operações de manutenção da paz, incluindo as táticas e os procedimentos que isso implica. Como já se sabe, o aporte argentino no âmbito das operações de manutenção da paz tem sido notável e, por isso, esse país logrou realçar o seu prestígio e imagem mundo afora. Cabe observar que também nações menores, tais como El Salvador e Guatemala, têm promovido a causa da paz mundial e a cooperação internacional através de seus próprios esforços.

Anualmente, o *USARSO* facilita a condução dos exercícios de manutenção da paz dentro de sua zona de responsabilidade. O último foi um seminário prolongado que teve lugar na Jamaica e o próximo será realizado no Chile.

Com respeito ao sucesso da Missão de Observadores Militares Equador-Peru (MOMEP), quais as lições derivadas dessa operação e, a seu ver, como poderão ser aplicadas essas lições nas futuras operações de manutenção da paz? Calcula o senhor que o programa de exercícios de manutenção da paz teve impacto no sucesso alcançado pela MOMEP?



Major General **Phillip R. Kensinger Jr.**

Antes de mais nada, permita-me confirmar que a missão de observadores militares na fronteira entre o Peru e o Equador foi um sucesso total, pois serviu efetivamente para estabelecer uma espécie de base para futuras operações de manutenção da paz. Em particular, a transformação quase imediata dos combatentes em observadores militares simplesmente não tem precedentes. Essa participação, com exceção de alguns desafios a ela associados, manifestou, mais claramente que qualquer outra coisa, a consagração da paz entre o Peru e o Equador.

Para se entender a extensão e o caráter único do compromisso dos observadores, é preciso estar informado sobre as raízes do conflito. Apesar de não querer oferecer toda uma dissertação histórica, creio que devo prestar alguma informação para que isto fique mais claro. O desacordo e o conflito sobre a zona fronteiriça tem antecedentes desde o período colonial, continuando depois dele e se intensificando até irromper em guerra pelo menos em três vezes distintas. A guerra de 1941 terminou com um acordo de paz intitulado de Protocolo do Rio de Janeiro, de 1942, no qual a fronteira ficou claramente demarcada pelos países beligerantes, com a assistência das nações garantes da paz, a saber, Argentina, Brasil, Chile e Estados Unidos. Em janeiro de 1995, teve início uma outra guerra, com mais de 5.000 combatentes desdobrados na região acidentada e de difícil acesso do vale do rio Cenepa. Com o tempo, ambos os países mobilizaram quase 140.000 integrantes de suas respectivas Forças Armadas, procedentes de todo o território nacional e dotados de aeronaves de ataque rápido, viaturas blindadas e navios. Com o objetivo de manter a estabilidade regional, os países garantes reagiram rapidamente para reunir os representantes de ambas as partes e reiniciar as negociações de paz e, em fevereiro de 1995, foi assinado um acordo de cessar fogo, o qual abriu caminho para a missão de observadores militares. O ponto relevante é que entre essas duas nações existe uma longa história de desacordo violento e de conflito sobre aquela região. O fato é que se comprometeram completamente em participar dos entendimentos com os observadores e, finalmente, em outubro de 1998, aprovaram um acordo de paz duradouro, o que é bastante impressionante.

Com respeito às lições aprendidas, eu as considero separadas em dois níveis: as lições operacionais e as táticas. As primeiras incluem, em síntese, as seguintes: a ação imediata e multinacional nos níveis diplomático e militar para pressionar os beligerantes a negociarem e instituírem um cessar fogo; tão logo a situação permitiu, o desdobramento de forças multinacionais de manutenção da paz nas zonas mais críticas para o sucesso da missão, aspecto muito importante mas complicado, tendo em vista as características do terreno e o seu limitado acesso; a necessidade de envolver os antigos combatentes o mais rápido possível e continuar incrementando suas funções ao máximo, tudo com o objetivo de fazer com que eles se tornassem sócios de seus próprios destinos e,

cabe acrescentar, que pagassem suas próprias despesas. As lições táticas tendem a centralizar-se nos desafios logísticos e nas comunicações associadas ao terreno acidentado e isolado e à presença de organizações multilíngues e multiculturais. Neste caso, optamos por avançar rapidamente no princípio, a fim de estabelecer um adequado ímpeto operacional, para logo depois retrocedermos, quando pudemos entregar a missão a nossos sócios multinacionais e firmas contratadas civis. De um modo geral fomos bem sucedidos, apesar de que a missão provavelmente se complicou devido à nossa preparação simultânea para a transferência de nossas bases ao deixar o Panamá.

Apesar de que os ensinamentos que lá colhemos talvez não se apliquem a cada situação que possamos enfrentar mundo afora, sua aplicação em nossa zona de responsabilidade é inquestionável e já integramos as lições em nossos exercícios e no diálogo com nossos vizinhos regionais.

Com relação aos possíveis efeitos de exercícios de manutenção da paz no bom resultado obtido pela MOMEP, inclino-me a dizer que nosso programa de exercícios contribuiu para fomentar um ambiente de manutenção da paz que facilitasse o sucesso da MOMEP; ao mesmo tempo, a MOMEP trouxe conseqüências para o referido programa, incentivando-nos a desenhar uma série de exercícios mais exigentes e mais realistas. Nota-se, por exemplo, que os exércitos em nossa zona de responsabilidade estão agora muito mais interessados em participar desses exercícios multinacionais do que há dez anos atrás.

Está o senhor satisfeito com o recente histórico das forças de segurança regionais no âmbito dos direitos humanos? Qual é a contribuição do USARSO no que diz respeito a esse tema?

Com respeito aos direitos humanos, a posição do USARSO em sua zona de responsabilidade é simples, porém profunda, e trata-se de uma conseqüência natural de nossa organização e missão. Acreditamos que cada nação tem o direito soberano de organizar, equipar e empregar suas forças armadas em defesa própria e também no cumprimento de qualquer outra missão. Isso sempre e quando não ameace a paz e a estabilidade da região e considerando que sejam subordinadas a um governo democrático, eleito por voto popular, e que demonstre respeito aos direitos humanos básicos e à autoridade da lei. Incluímos o treinamento apropriado sobre questões de direitos humanos em todos os nossos exercícios e intercâmbios e exigimos que nosso pessoal não apenas respeite esses direitos, mas também nos informe sobre qualquer violação dos mesmos por parte das forças aliadas.

Entretanto, não acredito que todos possamos estar completamente satisfeitos com relação aos direitos humanos. Com base em minha própria experiência, produto de meus extensos labores nesse âmbito durante os anos muitas vezes conflitantes da década de 80, posso afirmar que, como a democracia, este é um tema que requer um exame permanente, especialmente durante os momentos mais turbulentos. O exemplo mais notório e sem dúvida o mais difundido nos meios de comunicação é o da Colômbia, uma nação que já passa por um período de 50 anos de guerra interna, a qual se intensificou durante os últimos anos. Visitei o general Moira, Comandante do Exército da Colômbia, e posso assegurar-lhe que esse país está avançando notavelmente em seus esforços para dominar a questão dos direitos humanos. À medida que melhoram a disciplina, a qualidade e o moral de sua força, observamos também a preocupação pelos direitos humanos como sendo uma questão legítima no campo de batalha.

General, neste fim de século e início de outro, quais serão as mudanças previsíveis nos interesses de segurança dos Estados Unidos dentro de sua zona de responsabilidade?

Creio que a mudança geral mais significativa que veremos será o maior reconhecimento, por parte dos estadunidenses, da importância desta região, nos campos econômico, cultural e geográfico. Também haverá um entendimento mais profundo do relativo sucesso que a região tem alcançado e, ao mesmo tempo, uma certa preocupação com a fragilidade do mesmo. Creio que essas observações darão incentivo aos responsáveis no Departamento da Defesa para concederem os meios necessários para proporcionar um apoio adequado e eficiente às diversas atividades regionais e aos esforços de contingência que executamos com tanto esmero neste Comando.

Apesar de que continuarão predominando os imperativos de forças armadas configuradas para enfrentarem as ameaças mais prováveis e dotadas de capacidade de projeção de força, estou convencido de que também será observada a necessidade de contar com frações menores baseadas no ultramar, assim como as que temos aqui no *USARSO*, para poder atender a um compromisso de ações que tendem a realçar a imagem dos Estados Unidos. Nossa capacidade em tirar o máximo proveito de nossa localização e de nossos contatos regionais produzirá transparência de defesa e medidas de confiança entre os países da região, as quais se traduzirão em paz, estabilidade e prosperidade duradoura. O *USARSO* também continuará empregando uma combinação cuidadosa de integrantes dos Componentes da Ativa e da Reserva e, ainda, elementos civis, todos trabalhando em estreita coordenação com as forças conjuntas e combinadas e com uma variedade de organizações governamentais e não governamentais. Os Estados Unidos podem estar seguros de que, contando com o *USARSO*, a nação dispõe de uma ferramenta idônea para assegurar nosso compromisso na região, atuando sempre unidos com os nossos vizinhos ao sul, na busca mútua de uma segurança cooperativa. ***MR***